

Uma resenha sobre o livro
CALLADO, Ana Arruda.
*Darcy, a outra face de
Vargas*. Rio de Janeiro:
Batel, 2011, 288p.

As outras faces dos presidentes: Darcy Vargas e Evita Perón

Marina Maria de Lira Rocha
Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense
mmlrocha@hotmail.com

É muito comum encontrarmos nos estudos históricos a comparação entre Brasil e Argentina sob vários aspectos de nossas narrativas. Da chegada dos europeus em nossas terras latino-americanas às histórias atuais de governos na região, passando pelas cruéis ditaduras e suas consequências, nos deparamos com quem tenha a dizer um pouco sobre os dois países. Política, econômica e culturalmente, de alguma forma, procuramos nos aproximar.

No entanto, nos chama a atenção nessas “coincidências e dissidências históricas” uma parte em especial, na qual todos nós temos opiniões das mais variadas: o populismo latino-americano. Conceito usado de diferentes maneiras, o populismo, até hoje, afirma ou nega legitimidades dependendo do discurso que preenche.

Nos últimos trabalhos dentro das ciências sociais, o termo aparece com conteúdos sociais e históricos concretos, relacionado ao projeto de hegemonia burguesa, em pleno processo de decadência da oligarquia agrária na América Latina¹. É considerado uma forma de política autoritária, baseada na intervenção do Estado para alargar o contato com o capitalismo estrangeiro e engrandecer o nacional. Entretanto, também foi capaz de atender a reivindicações sociais, políticas e de subjetividades, oferecendo “dignidade” à população. Assim, o populismo transformou a cidadania oferecida e integrou o indivíduo em um coletivo trabalhador, com direitos cedidos pelo governo sob a representação de um líder, que tolhia suas liberdades e exigia como retribuição a gratidão e a lealdade àqueles no poder².

No Brasil e na Argentina, como conhecido, o populismo foi personalizado pelas figuras de Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón. E, dentro da perspectiva comparativa, os dois personagens históricos vêm trazendo grandes e frutíferas discussões sobre

políticas de Estado, modificações legislativas, manifestações sociais, brechas autoritárias em seus governos e etc.

Ao ler o livro de Ana Arruda Callado, não pude me desvencilhar dessa comparação bilateral, mesmo que em biografia com visão feminina que traz “Darcy, a outra face de Vargas”. A inquietação brotou logo no princípio da leitura, quando Ana Callado expôs a dificuldade em encontrar biografias de mulheres que acompanharam as carreiras de homens políticos e famosos. A maioria dessas mulheres, constatou a autora, fora esquecida pela história, tendo suas imagens estáticas e passivas marcadas nas fotografias em que aparecem sorridentes ao lado de seus maridos presidentes.

Contudo, existem as exceções para confirmar a regra. Nas perspectivas do populismo e da comparação, duas jovens mulheres aparecem de braços dados com seus respectivos esposos para fazer a diferença, com as devidas dimensões, ao menos no imaginário da população dos países mencionados.

Tem-se do lado de cá, dona Darcy Vargas, a primeira-dama do populismo brasileiro, cuja vida fora retratada no livro de Callado e em algumas outras biografias que contam sua atuação. Apesar da apropriada afirmação de seu filho, que a descreve como “meio agitada, prepotente, mandona. Gostava de se vestir bem, de ser bonita. Era faceira e sociável. Comunicativa, gostava das pessoas. Não era populista, era até mais para a aristocracia”³, a senhora Vargas representou, como companheira, a complementação da política populista no país. Além disso, foi reconhecida e homenageada posteriormente, tendo seu nome designado hospitais, escolas, ruas, vilas, maternidades, ambulatórios, creches e logradouros públicos por todo o Brasil⁴.

Ultrapassando os limites geográficos e atravessando a fronteira em direção ao nosso vizinho, das damas, a primeira: María Eva Duarte de Perón. Conhecida internacionalmente, Evita modificou a relação entre mulher e política e teve sua imagem exposta em livros – biográficos e romanceados – em filmes, em revistas e músicas, teatro e artes plásticas. Dá nome a museu, ruas, escolas, instituições, movimentos sociais e etc. Sua história fora (e ainda é) disputada, inclusive de forma violenta ou mitológica, por quase todos os argentinos.

Dessa forma, essa pequena resenha procurará estabelecer alguns pensamentos desenrolados com a leitura desta história de vida e impressões comparativas entre as damas populistas (e populares, no sentido público e notório da palavra, já que Darcy, como se explicita na biografia, não fazia parte da população de baixa renda brasileira).

Mesclando vida pessoal e política, a jornalista Ana Callado abriu as portas para sua mais nova biografia que aborda, de certa maneira, a visão feminina da história política brasileira, relatando a vida de mais uma mulher pública do país sem as devidas menções históricas⁵. O livro se desenvolve de forma cronológica, desde o nascimento, a infância e a adolescência de Darcy, quando ocorrera a apresentação dos dois jovens que se tornariam o casal Vargas,

até sua morte, trazida em um último capítulo sentimental, no qual se apontou a saudade daqueles que viveram mais próximos dela.

Darcy e Getúlio conheceram-se em um baile a fantasia, quando este último era um deputado moço e Darcy, apenas uma menina de 13 anos de idade, de “boa família e um bom partido”. Namorados à moda antiga, Getúlio pedira permissão formal para oficializar a relação, sempre sucedida sob a vigilância dos familiares pertencentes à elite gaúcha.

O namoro de Perón e Evita foi bem mais controverso. No ano de 1944, o general, viúvo, vice-presidente e ministro das pastas do Trabalho e da Guerra, conheceu a pequena atriz, que aos 15 anos de idade partiu do interior para Buenos Aires, a fim de alavancar sua carreira. É conhecida a afirmação na qual Eva enfatizava seu desejo de se casar com um príncipe ou um presidente. E, quase que em uma profecia, ao longo de um ano juntos, Juan e Eva se casaram e Perón se tornou chefe do Estado argentino.

Acompanhando a carreira política de Vargas, Darcy se mudou várias vezes e, como uma ilustre dona de casa, cuidava de tudo dentro do lar. Com o passar do tempo e o crescimento da importância dos cargos políticos de seu marido, a companheira iniciou suas aparições públicas, para além dos eventos sociais, noites festivas e saraus, visitando hospitais e asilos e montando uma casa de costura para ajudar doentes da Santa Casa de Misericórdia⁶.

Assim, em 1940, a primeira-dama brasileira fundou a Casa do Pequeno Jornaleiro, onde pretendia oferecer aos menores de rua abrigo e alimentação, dando-lhes ocupação com aulas e cursos profissionalizantes, além de emprego. Ali, organizara os primeiros “Natal dos pobres”, onde fazia uma grande ceia e distribuía presentes para os seus internos.

Segundo Ana Callado, Darcy protagonizou a emancipação feminina, mesmo que não feminista, em um ambiente com rádios, revistas, teatro e propaganda, integrando as mulheres nos papéis da política brasileira. Neste sentido, criou a Legião Brasileira de Assistência (LBA), onde contava com a ajuda voluntária das mulheres. Nela, oferecia proteção à maternidade, à infância e à velhice, incentivando a educação, a atenção à saúde e a habitação popular.

Com a entrada do país no conflito da Segunda Guerra Mundial, a LBA dedicou-se ao esforço de guerra. Realizou a Campanha da Madrinha dos Combatentes, mulheres que ajudavam os soldados e suas famílias. Criou as Hortas da Vitória, um serviço de distribuição de mudas de verduras e legumes, além de aves, que incentivavam a produção de alimentos para a população. Instituiu a Cantina do Combatente, lugar de lazer para os soldados que esperavam seu embarque ou voltavam feridos da guerra. E, finalmente, organizou as Legionárias da Costura, que fabricavam materiais médico-hospitalares e roupas para serem doadas aos soldados.

Em depoimento citado, a professora Rita de Cássia Freitas afirma que a Legião Brasileira de Assistência, criada pela primeira-dama, “demarcou uma redefinição do Estado Brasileiro com a incorporação da pobreza e da miséria ao discurso oficial”⁷.

Do outro lado, outra primeira-dama também iria incorporar a pobreza e a miséria ao seu discurso. Contudo, de uma maneira mais “alentada”. Com o cenário social e político argentino se modificando para uma maior participação dos trabalhadores, por intermédio dos sindicatos, o presidente Perón percebeu que a extensão da cidadania significava um processo de socialização destes indivíduos⁸. Neste sentido, a transformação de sua mulher de María Eva para Evita foi essencial.

Tomando para si o papel de líder dos trabalhadores, Evita liberou Perón para a função de árbitro imparcial da Nação, enquanto ela poderia se desgastar com dirigentes tradicionais e centralizar a tensão entre o autoritarismo e a democracia⁹. Protetora de seus “descamisados”, homens e mulheres do trabalho, que conhecia a dor do povo e a injustiça social, tomou partido contra os oligarcas, porque, “quando decidiu ser Evita, elegeu seguir o caminho do povo”¹⁰. Assim, suas ações assistencialistas tiveram o mesmo tom de enfrentamento. Antes de conhecer Perón, já mantinha uma ajuda, pagando comida e cama, aos albinos mudos que escaparam dos Cotelengos – congregação italiana que ajudava aos pobres.

Quando se tornou primeira-dama, ganharia o cargo de presidente da Sociedade Beneficiária, cujas associadas eram mulheres da classe alta argentina, que a viam como uma filha ilegítima, de passado duvidoso e envolvida com diversos homens antes de se casar. Logo, Evita nomeou sua mãe como presidente da Sociedade, dissolvendo-a em poucas semanas de mandato. O lugar fora ocupado pela “Ajuda Social”, internatos e colônias de férias, onde se ofereciam lazer e ensinamentos políticos peronistas. Em 1948, Evita criou a Fundação Ajuda Social María Eva Duarte Perón, que visava oferecer “vida digna aos menos favorecidos”.

Evita no necesitaba presidir ninguna sociedad de beneficencia. Quería que la beneficencia en pleno llevara su nombre. Trabajó día y noche por esa eternidad. Juntó las penas que andaban sueltas y armó con ellas una fogata que se veía desde lejos. Lo hizo demasiado bien. La fogata fue tan eficaz que también la quemó a ella¹¹.

Para além de sua vida pública, a Darcy de Ana tem uma vida pessoal muito bem elaborada. Nessa biografia, acompanhamos o acidente de automóvel sofrido pela família e a comoção pública que ele gerou. Lemos também seu convívio com a amante de Getúlio, Aimée (a bem amada), que ocasionou desconforto e crise no casamento.

As “desgraças” maiores, privadas e públicas, pelas quais passou, também são retratadas, de maneira detalhada. A morte do filho Getulinho com poliomielite; o suicídio do marido no mesmo dia de nascimento do filho morto; e o mal que a notícia causara à sua irmã Alda, que a havia criado, falecendo subitamente ao saber do suicídio do cunhado.

Segundo a biografia, Darcy sempre fora discreta em todos os seus sofrimentos. Afinal, era uma dama. Escondeu sua doença até quando pôde e, apesar de tudo, continuou sua vida nas assistências sociais que comandava até a morte, em 1968.

Em seu velório, realizado na Casa do Pequeno Jornaleiro, compareceram várias personalidades da política e artísticas. Seu corpo foi levado ao Cemitério São João Batista,

acompanhado por cerca de três mil pessoas, entre autoridades e “populares”. Ali, em discurso final, chamaram-na de “Dona Darcy, nossa mãe”¹².

A vida pessoal de Evita também foi marcada por grandes tragédias, contudo o público participava dela, posicionando-se contra ou a favor. Não em relação à intimidade do casal, pois, mesmo que Perón insistisse que Evita era produto dele, a amava incondicionalmente. Em troca, para Eva, Perón era a “luz caída do céu para salvá-la”, a “razão de sua vida”, como outrora havia escrito¹³. Contudo, ela vivia o constante desprezo e as insistentes suposições sobre sua vida pregressa a Perón, protagonizada pela elite argentina, que não só falava sobre ela, como também dificultava ao máximo seus discursos, sua aparição pública e suas ações.

Quando, em 1945, seu marido foi destituído pelos militares e preso, Eva reuniu-se com os líderes sindicalistas e trabalhadores da Grande Buenos Aires e organizou uma enorme manifestação, no dia 17 de outubro, para exigir a libertação de Perón. Pressionados, os militares soltaram o líder justicialista, que discursou prometendo à população novas eleições e a reconstrução da nação. Aquele dia tornou-se o Dia da Lealdade, simbolizando a troca entre líder e trabalhadores¹⁴.

Nessa constante tensão, chega ao auge de sua carreira política pressionada pela população para que disputasse as eleições no papel de vice-presidenta. No entanto, descobriu o câncer no útero, que a mataria aos 33 anos. Comprimida pela oligarquia e escondendo a gravidade de sua doença, foi às rádios, alguns dias depois, e proclamou sua renúncia.

A vitória peronista de 1951 nas urnas foi arrasadora e as mulheres exerceram nessa eleição, pela primeira vez, seu direito ao voto, duplicando a participação eleitoral. Evita tivera de votar em uma policlínica, pois uma semana antes das eleições submetera-se a uma cirurgia para retirada do câncer¹⁵.

Ainda assim, debilitada, com pouco peso e administrada com analgésicos para a dor, Evita insistiu em acompanhar seu marido no cortejo presidencial e em sua posse. Para tal, colocou um de seus modelitos (não podemos nos esquecer do amor que tinha pela moda) e pediu para seguir de pé junto ao carro do presidente. Ali, proferiu seu último discurso emocionado:

Mis queridos descamisados, yo no valgo por lo que hice, yo no valgo por lo que soy ni por lo que tengo. Yo tengo una sola cosa que vale, la tengo en mi corazón, me quema en mi alma, me duele en mi carne y arde en mis nervios. Es el amor por este pueblo. Si este pueblo me pidiese la vida, se la daría cantando, porque la felicidad de un solo descamisado, vale más que mi vida. Mis descamisados: yo les agradezco todo lo que ustedes han rogado por mi salud. Espero que Dios oiga a lo humildes de mi Patria para volver pronto a la lucha¹⁶.

Em seus meses finais, as aparições públicas diminuíram apesar das homenagens se multiplicarem: inauguravam-se obras com seu nome, bustos, oferendas e etc. Sua morte, em 26 de julho de 1952, instituiu o mito e nos proibiu de ver outros fins que poderiam ser

dados a esta história peronista, possibilitando a elaboração de muitas frases iniciadas com “Si Evita viviera...”.

Durante dois dias, o governo decretou feriado nacional e seu imponente velório se estendeu até 9 de agosto, formando imensas filas para entrar na capela onde era velada. Evita recebeu honras de chefe de Estado, Perón embalsamou seu corpo e o depositou no edifício da Central General de los Trabajadores (CGT), onde permaneceu até o golpe de 1955¹⁷.

Sabemos que depois deste golpe seu corpo foi sequestrado e exilado do país, pois morta parecia ser mais perigosa do que viva. Ele ficou desaparecido até 1971, quando, em um acordo, os militares o devolveram à residência de Perón (também exilado) em Madrid. Mantendo-o em casa, junto com sua terceira esposa, Isabel Perón, afirma-se que Juan Domingo desviava demasiada atenção ao cadáver, permanecendo por horas na habitação onde se encontrava “hospedado”¹⁸.

Apenas em 1974, o corpo de Evita retorna ao país e é enterrado ao lado de Perón. Contudo, mais uma ditadura iria remover os resquícios da primeira-dama morta. Em 1976, os militares resolvem retirar os restos de Evita e entregá-los à família Duarte, que a enterrou no túmulo familiar localizado no nobre bairro de Recoleta.

Percebemos, então, nas damas populistas, o impulso de iniciar a representação das mulheres na política, dando-lhes oportunidade de participação, seja com obras assistencialistas ou de cunho social. De um lado, dona Darcy figurou como uma dama mais preservada e ortodoxa. Uma figura que aparece, mas que se mantém por detrás das obras do marido. Por outro, Evita quebra paradigmas. Cresceu no peronismo, mas ajudou a formá-lo. Sem ela, o curso da história poderia ser diferente e o populismo argentino também.

A leitura deste livro de Ana Arruda Callado me transportou a essas breves reflexões comparativas sobre as primeiras-damas populistas e seu envolvimento na realidade da época. Despertou em mim a curiosidade de poder encontrar, talvez em um futuro próximo, mais leituras que pudessem comparar as mulheres latino-americanas por trás de tantos presidentes. Por enquanto, este livro abriu a possibilidade de pensarmos um pouco mais sobre as mulheres, outras faces dos presidentes.

Notas

1 - CALIL, Gilberto. O populismo e a hegemonia burguesa na América Latina. *Revista História e Luta de Classes*, Ano 3, nº 4, pp.27-34, julho 2007.

2 - CAPELATO, Maria Helena Rolim. Populismo latino-americano em discussão. IN: FERREIRA, Jorge (Org). *O populismo e sua história: Debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. pp. 127-165.

3 - CALLADO, Ana Arruda. *Darcy, a outra face de Vargas*. Rio de Janeiro: Batel, 2011. Contracapa. CAPELATO, Maria Helena Rolim. Propaganda política no varguismo e peronismo: caminhos metodológicos. IN: GUAZZELLI,

Cezar Augusto Barcellos; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso; et al. (orgs.). *Questões da teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. pp. 59-71.

4 - *Idem*. p.14.

5 - A autora outrora já havia escrito biografias sobre Maria José Barboza Lima (1995), Jenny Pimentel de Borba (1996), Adalgisa Nery (2004) e Maria Martins (2004).

6 - CALLADO, Ana Arruda. *Op. Cit.*, 2011. p.23.

7 - *Idem*. p.186.

8 - DELLASOPPA, Emilio. *Ao inimigo nem justiça: violência política na Argentina (1943-1983)*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

9 - WALDMANN, Peter. *El peronismo: 1943-1955*. Buenos Aires: Hyspanamérica, 1980. p.234.

10 - PERÓN, Eva. *La razón de mi vida*. Buenos Aires: Buro Editor, 2004. pp.43-45.

11 - MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Santa Evita*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2007. p.228.

12 - CALLADO, Ana Arruda. *Op. Cit.*, 2011. p.281

13 - MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Op. Cit.*, 2007. p.229.

14 - PLOTKIN, Mariano. *Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955)*. Caseros: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2007.

15 - LUNA, Félix. *Los Gobiernos Peronistas: desde el primer gobierno de Perón hasta la presidencia de Isabel (1945-1976)*. Aires: Grupo Editorial Planeta, 2003. pp.82-83.

16 - Discurso de Evita em 4 de junho. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=X88Cg_3CXDU

17 - LUNA, Félix. *Op. Cit.*, 2003. p.84

18 - MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Op. Cit.*, 2007.

Enviado em 18/01/2012